



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Secretaria Geral Parlamentar
Secretaria de Documentação
Equipe de Documentação do Legislativo

JUSTIFICATIVA - PL 0035/2023

As culturas materiais têm se apresentado durante os séculos como o grande ponto de referência da história social e cultural. Prédios, estátuas, vestimentas, adornos, armas, entre outras representações concretas são de grande valor para o processo historiográfico, porém o campo imaterial, que compõem o ato de fazer e a ação criativa, principais formas de expressão dos povos de matriz afrodescendente foram negligenciadas e marginalizadas durante centenas de anos. Principalmente na cultura ocidentalizada da América. Dessa forma, a busca pelas pesquisas, registros, preservação e publicação de obras que buscam difundir esse campo do saber e da produção do conhecimento tem se apresentado como a grande etapa sociológica, antropológica e da filosofia cultural dessa década, como descreve a própria ONU:

A Assembleia Geral da ONU proclamou o período entre 2015 e 2024 como a Década Internacional de Afrodescendentes. Ao fazê-lo, a comunidade internacional reconhece que os povos afrodescendentes representam um grupo distinto cujos direitos humanos precisam ser promovidos e protegidos.

Cerca de 200 milhões de pessoas que se identificam como afrodescendentes vivem nas Américas. Muitos outros milhões vivem em outras partes do mundo, fora do continente africano. (acnur.org).

Como descrito na temática da ACNUR, o fomento para ações que busquem a valorização, proteção e desenvolvimento das linguagens que permeiam as manifestações de matriz negra, se apresentam necessárias para a busca de uma equidade de direitos e representações midiáticas, já que durante tantos anos, apenas as artes textuais e físicas da cultura europeia foram tratadas como a verdadeira forma de expressão do mundo.

Dessa forma, tanto a Capoeira, como dentro desse campo, as mulheres capoeiristas se apresentam como eixos norteadores do desenvolvimento social, cultural e histórico do Brasil. E mais ainda, ambos sempre foram excluídos de seu protagonismo real e transformador. A Capoeira, como uma das ferramentas de construção do trajeto do nosso povo e as Mulheres capoeiristas como base essencial da própria Capoeira.

Durante anos, as mulheres capoeiristas foram colocadas de lado dentro do processo social das rodas, dos treinos e do canto na Capoeira. Vistas como fracas e sensíveis demais, eram tratadas com machismo e misoginia. Ainda mais depois de se tornarem mães.

A Capoeira é meu alimento, alimento da alma. E para eu ter esse alimento eu tenho que ir lá na Roda(..). Abri mão de muita coisa, mas de ser mãe eu não abri mão. Isso eu dou conta e a Capoeira vai me abraçar. Vai abraçar eu e minhas filhas. (..)

É claro que nem sempre é assim (..). Os homens, os pais são um pouco mais complexos de entenderem. Que mesmo sendo da Capoeira, acham que a gente, após nos tornarmos mães, não deveríamos mais estar ali. (Mestra Mara, 2018)

O relato de Mestra Mara nos apresenta um recorte de centenas de casos de situações vividas pelas mulheres na Capoeira. Colocadas de lado em seu protagonismo e jogadas sempre para os bastidores. Essas guerreiras foram responsáveis pela manutenção desses espaços culturais, nos cuidados dos seus filhos, daqueles que chegavam e na própria organização dos eventos; na produção das graduações, das roupas e do alimento. Falar da mulher capoeirista é ir além da manifestação da roda de Capoeira. É refletir sobre a força motora e ancestral que movimentou e movimenta esses espaços cultura. Sem mulher a Capoeira não é possível.

Este texto não substitui o publicado no Diário Oficial da Cidade em 15/02/2023, p. 117

Para informações sobre o projeto referente a este documento, visite o site www.saopaulo.sp.leg.br.